



Saudação final do Santo Padre

26 de outubro de 2024

Queridos irmãos e irmãs,

com o *Documento Final* recolhemos o fruto de anos, pelo menos três, nos quais nos colocámos à escuta do Povo de Deus para compreender melhor como ser “Igreja sinodal” neste tempo. As referências bíblicas que abrem cada capítulo, organizam a mensagem cruzando-a com os gestos e as palavras do Senhor Ressuscitado, que nos chama a ser testemunhas do seu Evangelho mais com a vida do que com as palavras.

O *Documento* que votámos é um tríplice dom:

1. Para mim, Bispo de Roma (ao convocar a Igreja de Deus em Sínodo, estava consciente de que precisava de vós, Bispos e testemunhas do caminho sinodal: obrigado!).

Também o bispo de Roma, recordo-me a mim mesmo e a vós, precisa de praticar a escuta, ou melhor, quer praticar a escuta, para poder responder à Palavra que lhe repete todos os dias: «Confirma os teus irmãos e irmãs... Apascenta as minhas ovelhas».

A minha tarefa, bem o sabeis, é – como nos ensina São Basílio – guardar e promover a harmonia que o Espírito continua a difundir na Igreja de Deus,



nas relações entre as Igrejas, apesar de todos os cansaços, tensões e divisões que marcam o seu caminho rumo à plena manifestação do Reino de Deus, que a visão do Profeta Isaías nos convida a imaginar como um banquete preparado por Deus para todos os povos. Todos, na esperança de que não falte ninguém. E é isso que o Concílio Vaticano II ensina quando diz que a Igreja é “como sacramento”: ela é sinal e instrumento da espera de Deus, que já preparou a mesa e está a aguardar. A sua Graça, por meio de seu Espírito, sussurra palavras de amor no coração de cada um. A nós, cabe-nos amplificar a voz desse sussurro, sem obstruí-la; abrir portas, sem erguer muros. Não nos devemos comportar como “dispensadores da Graça” que se apropriam do tesouro, amarrando as mãos do Deus misericordioso. Lembrai-vos de que começamos esta Assembleia sinodal pedindo perdão, sentindo vergonha, reconhecendo que somos todos *misericordiad*os.

Há um poema de Madeleine Delbrêl, a mística das periferias, que exortava: «acima de tudo, não sejas rígido»: leio-vos alguns de seus versos que são uma oração:

*Porque penso que talvez já te tenhas cansado
de pessoas que falam, sempre, sobre servir-te com ar de um líder,
conhecer-te com ar de um professor,
alcançar-te com regras desportivas,
amar-te como se ama num casamento envelhecido*

...



*Faz-nos viver a nossa vida,
não como um jogo de xadrez, em que todos os movimentos são calculados,
não como uma partida em que tudo é difícil,
não como um teorema que nos faz quebrar a cabeça,
mas como uma festa sem fim em que se renova o encontro contigo,
como um baile,
como uma dança,
entre os braços da tua graça,
na música que enche o universo de amor*

Esses versos podem tornar-se a música de fundo com a qual podemos acolher o *Documento Final*. E agora, à luz do que emergiu a partir do caminho sinodal, há e haverá decisões a serem tomadas.

Neste tempo de guerras, devemos ser testemunhas da paz, aprendendo também a dar forma real ao convívio das diferenças.

Por isso, não tenho intenção de publicar uma “exortação apostólica”. No *Documento* há já indicações muito concretas que podem servir de guia para a missão das igrejas, nos diversos continentes, nos diversos contextos: por isso, coloco-o imediatamente à disposição de todos. Quero, deste modo, reconhecer o valor do caminho sinodal realizado, que através deste *Documento* entrego ao povo santo de Deus.

Sobre alguns aspetos da vida da Igreja indicados no *Documento*, bem como sobre os temas confiados aos dez “Grupos de Estudo” para me



apresentarem propostas, é necessário tempo para chegar a escolhas que envolvam toda a Igreja. Por isso, continuarei a escutar os Bispos e as Igrejas que lhes estão confiadas.

Não se trata de adiar indefinidamente as decisões. É o que corresponde ao estilo sinodal com que deve ser exercido também o ministério petrino: escutar, convocar, discernir, decidir e avaliar. E nestes passos, são necessárias as pausas, os silêncios e a oração. É um estilo que estamos a aprender juntos, um pouco de cada vez. O Espírito Santo chama-nos e sustenta-nos nesta aprendizagem, que devemos compreender como um processo de conversão.

A Secretaria Geral do Sínodo e todos os Dicastérios da Cúria ajudar-me-ão nesta tarefa.

2. O *Documento* é um dom para todo o Povo de Deus, na variedade das suas expressões. É evidente que nem todos o lerão: sereis sobretudo vós, juntamente com muitos outros, que tornareis acessível o seu conteúdo nas Igrejas locais. O texto, sem o testemunho da experiência vivida, perderia muito do seu valor.

3. Aquilo que vivenciamos é um dom que não podemos guardar para nós mesmos. O impulso que vem desta experiência, da qual o *Documento* é um reflexo, dá-nos a coragem de testemunhar que é possível caminhar juntos na diversidade.



Vimos de todas as partes do mundo, marcados pela violência, pela pobreza, pela indiferença. Juntos, com a esperança que não desilude, unidos no amor de Deus difundido nos nossos corações, podemos não só sonhar com a paz, mas empenharmo-nos com todas as nossas forças para que, mesmo sem falar muito de sinodalidade, a paz se realize através de processos de escuta, de diálogo e de reconciliação. A igreja sinodal para a missão precisa, agora, que as palavras partilhadas sejam acompanhadas de atos.

Tudo isto é um dom do Espírito Santo: *é Ele que faz harmonia; é Ele que é harmonia*. Que a harmonia continue mesmo quando sairmos desta sala, e que o Sopro do Ressuscitado nos ajude a partilhar os dons que recebemos.

E lembrem-se – são novamente as palavras de Madeleine Delbrêl – que “há lugares onde o Espírito sopra, mas há um Espírito que sopra em todos os lugares”.

Obrigado a todos vós, agradecemos-nos uns aos outros.